

O romance histórico de expressão alemã e a sua circulação no estrangeiro: os casos de Carl Franz van der Velde (1779-1824) e de Caroline Pichler (1769-1843)

The German-language Historical Novel and its Circulation Abroad: The Cases of Carl Franz van der Velde (1779-1824) and Caroline Pichler (1769-1843)

Larissa de Assumpção
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo | SP | BR
FAPESP
larissadeassumpcao@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2449-4458>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a difusão das obras de Caroline Pichler e de Carl Franz van der Velde dentro do cenário oitocentista de circulação de impressos. Ambos eram autores de romances históricos – gênero que ganhou destaque na primeira metade do século XIX, época em que transformações sociais levaram povos de várias regiões a revisitar seu passado histórico. A análise foi desenvolvida com base em críticas literárias publicadas em periódicos de língua alemã, francesa, inglesa e portuguesa, bem como em catálogos de bibliotecas e anúncios de livreiros. Foram abordados três pontos principais: o contexto de produção das obras de Pichler e de van der Velde; a sua recepção no território de língua alemã e a sua circulação no estrangeiro. Conclui-se que as obras desses dois autores tiveram ampla circulação e foram bem avaliadas pela crítica literária devido à atenção que suscitaram ao misturar fatos históricos e ficção.

Palavras-chave: romance histórico; Caroline Pichler; Carl Franz van der Velde; circulação; literatura alemã; século XIX.

Abstract: The aim of this article is to analyze the dissemination of the works of Caroline Pichler and Carl Franz van der Velde within the context of the circulation of novels in the 19th century. Both were authors of historical novels – a genre that gained prominence in the first half of the 19th century, a time when social transformations



drove people from various regions to revisit their history. The analysis was based on literary reviews published in German, French, English and Portuguese-language periodicals, and on library catalogs and booksellers' advertisements. Three main points were addressed: the production context of Pichler's and van der Velde's works; their reception in German-speaking territory and their international circulation. It is concluded that the works of these two authors circulated broadly and were well evaluated by literary critics due to the attention they generated by mixing historical facts and fiction.

Keywords: historical novel; Caroline Pichler; Carl Franz van der Velde; circulation; German literature; 19th century.

O valor dado a determinados livros e gêneros literários pode ser alterado de acordo com o contexto em que circularam e o local de sua recepção. Por esse motivo, dentro das pesquisas sobre a História do Livro e da Leitura, vários estudos têm sido desenvolvidos com o objetivo de compreender melhor os fatores envolvidos na circulação de uma obra¹ e de investigar os diferentes significados que os livros podem obter ao longo do tempo.²

Estudos recentes sobre a circulação de romances no século XIX mostraram a existência de um circuito transatlântico de difusão de impressos, que conectava leitores de partes distantes do mundo e permitia a leitura das mesmas obras em diferentes países e continentes.³ Um gênero literário cujas avaliações variaram ao longo do tempo, espaço e configurações sociais é o romance. György Lukács (2009, p. 193) associa o espalhamento desse gênero às transformações sociais trazidas pelo desenvolvimento da burguesia. Para ele, o romance moderno teria sido parte de uma resposta social a mudanças, pois teria surgido a partir de uma "luta ideológica da burguesia contra o feudalismo" (Lukács, 2009, p. 213), ainda que mantivesse, em sua estrutura, algumas heranças das narrativas medievais.

Com a ampla difusão que esses textos tiveram,⁴ novos subgêneros começaram a surgir e a circular, como é o caso do romance histórico. Embora narrativas com temas históricos existam desde a Idade Média, os primeiros romances contendo as características atualmente associadas a esse subgênero foram publicados no início do século XIX (Lukács, 2011). Essas narrativas, segundo Hugo Aust (1994, p. 4), teriam o objetivo de representar acontecimentos históricos de três maneiras diferentes: revivendo o passado, interpretando-o e sendo, elas mesmas, parte da História. Seu potencial de entreter e de instruir o mercado de massa contribuíram para a sua difusão no início do século XIX, em um momento em que o passado e o presente estavam em uma relação especial de tensão, que se refletiu não apenas na Literatura, mas também em outras artes, como a Arquitetura e a Pintura (Potthast, 2007, p. 7).

Lukács (2011) também associa o surgimento do romance histórico às revoluções vividas pelas nações europeias entre 1789 e 1814, que aceleraram as transformações sociais

¹ Cf. Abreu, 2016a; Chartier; Cavallo, 2003.

² Cf. Chartier, 1998.

³ Cf. Abreu, 2016a; Abreu; Silva, 2016; Assumpção, 2021; Silva, 2014.

⁴ Cf. Abreu, 2016a; Abreu, 2008.

e reforçaram o sentimento de que “existe uma história, de que essa história é um processo ininterrupto de mudanças e, por fim, de que ela interfere diretamente na vida de cada indivíduo” (Lukács, 2011, p. 38). Assim, seu florescimento na primeira metade do século XIX pode ser entendido como uma reação às transformações sociais do período e como uma tentativa de retomar fatos ocorridos no passado de territórios que estavam vivendo um processo de formação de suas nacionalidades.⁵ Esse movimento foi também observado no território de língua alemã, em que o romance histórico se tornou relevante dentro do mercado livreiro em expansão (Habitzel; Mühlberger, 1996, p. 91).

Esse contexto, associado ao gosto do público pelo gênero, permitiu que, nas décadas até meados do século XIX, fossem publicados pouco mais de mil romances históricos em língua alemã, o que representaria cerca da metade dos romances produzidos no período (Potthast, 2007, p. 29). O aumento da produção desse tipo de narrativa também pode ser atestado por meio da sua presença em estabelecimentos de leitura, como as bibliotecas de subscrição, em que leitores podiam entrar em contato com as obras literárias sem a necessidade de adquiri-las por conta própria. Em bibliotecas do território alemão, dois dos autores de maior destaque eram Carl Franz van der Velde e Caroline Pichler (Habitzel; Mühlberger, 1996, p. 97). O grande alcance de seus livros permitiu que circulassem no mercado transatlântico e chegassem a países como o Brasil. Entender melhor de que maneira e em quais locais eles estavam disponíveis é uma forma de trazer indícios sobre como se deu a circulação desse tipo de narrativa, que ganhou destaque em um momento de transformação histórica e social na Europa.

A recepção das obras de Caroline Pichler e de Carl Franz van der Velde no território de língua alemã

Carl Franz van der Velde nasceu na cidade de Breslau em 1779, onde seu pai atuava como comissário de guerra e funcionário na Câmara de Selos. Quando jovem, frequentou o ginásio em sua cidade natal e, após a morte do pai, ocorrida na década de 1790, continuou sua formação em Direito na Universidade de Frankfurt (Oder), o que abriu portas para que trabalhasse em tribunais de outras cidades, como Winzig e Zobten.⁶ Já no início do século XIX, começou a publicar alguns de seus primeiros romances e, em 1817, tornou-se colaborador do jornal *Dresdner Abend-Zeitung*, editado por Theodor Hell (pseudônimo de Karl Gottfried Theodor Winkler). Nesse periódico, que dedicava várias de suas rubricas a textos literários, van der Velde publicou mais de 15 romances históricos de forma seriada, posteriormente vendidos em formato de livro pela Arnoldischen Buchhandlung, que atuava na mesma localidade e também era responsável pela impressão do jornal.

A autora Caroline Pichler teve uma origem bem diferente. Nascida em Viena no ano de 1769, Pichler era filha de Franz Sales von Greiner, que tinha uma posição importante na corte. Por esse motivo, sua casa era ponto de encontro de intelectuais, literatos e artistas, o que permitiu que entrasse em contato com o universo cultural desde muito cedo (Jordan, 2001, p. 411).

⁵ Sobre o processo de formação de identidades nacionais europeias, ver: Thiesse, 2001.

⁶ Sobre a vida e a trajetória de trabalho de van der Velde, ver: Hippe, 1895.

Ainda aos 12 anos, publicou um de seus poemas, intitulado *Auf den Tod einer Gespielin*, no *Wiener Musen-Almanach* e, durante a infância, teve como mestres alguns poetas e intelectuais de destaque no período, como Josef Gall, Karl Mastalier, Lorenz Leopold Haschka e Wolfgang Amadeus Mozart (Schlossar, 1888, p. 106).

Na vida adulta, após seu casamento com o oficial do governo Andreas Pichler, seu círculo social tornou-se ainda mais amplo, o que fez com que passasse a comandar um dos salões literários mais importantes de Viena, frequentado por Ludwig van Beethoven, Madame de Staël, os irmãos August Wilhelm e Friedrich Schlegel e Ottilie von Goethe (Robertson, 2007, p. 34). A partir de 1800, publicou vários livros de parábolas e diversos outros trabalhos teatrais e literários que, ao final da sua vida, somaram mais de 60 volumes. Grande parte deles é composta por romances históricos, nos quais ela utilizou majoritariamente como pano de fundo o passado da Áustria (Robertson, 2007, p. 34).

Ambos os autores obtiveram certo reconhecimento por parte da crítica e do público desde as suas primeiras publicações. Segundo Theodor Hell, a primeira narrativa publicada por van der Velde no *Dresdner Abend-Zeitung*, intitulada *Arel: eine Erzählung aus dem dreißig-jährigen Kriege*, já obteve sucesso: “a narrativa não havia enganado minhas expectativas, e também causou imediatamente [...] uma boa impressão geral. Para ele [van der Velde], o agradecimento do amigo, assim como o aplauso dos inúmeros leitores do jornal, foi muito gratificante e encorajador” (Hell, 1829, p. 372).⁷ Van der Velde estava ciente do sucesso de sua narrativa e, em outubro de 1818, escreveu ao amigo: “meus contos no *Abend-Zeitung* tiveram um sucesso que eu nunca esperei” (Van der Velde, 1829, p. 379).⁸

Os contos e romances que ele publicou nos anos seguintes também foram bem recebidos pelo público, e logo seu nome ficou mais conhecido. Na década de 1820, muitos de seus livros foram mencionados em anúncios e textos críticos publicados em revistas literárias, como o *Leipziger Literaturzeitung*, que circulou entre 1800 e 1834, e o *Jenaische Allgemeine Literaturzeitung*, publicado entre 1804 e 1841. Como exemplo, é possível destacar uma menção às suas obras completas feita em uma edição de 1820 do *Leipziger Literaturzeitung*, que é acompanhada por um longo texto crítico, no qual o autor afirma que van der Velde “sabe usar os detalhes emprestados da história e da descrição da terra da maneira mais hábil para caracterizar os países e os tempos, permitindo que se receba um quadro vívido de suas peculiaridades” (Erzählungen. *Leipziger Literaturzeitung*, 1820, p. 2078).⁹

Nesse e em outros textos críticos que abordam a obra do autor, é comum a menção ao fato de que as histórias trazidas por ele recuperavam não apenas fatos históricos do território de língua alemã, mas de diferentes lugares do mundo. Isso fica explícito já em alguns de seus títulos, como é o caso de *Die Eroberung von Mexico: ein historisch-romantisches Gemälde aus dem ersten Viertel des sechzehnten Jahrhunderts* [A conquista do México: um quadro histórico-romântico do primeiro quarto do século XVI], cuja narrativa se passa na América do Norte, e *Die Gesandtschaftsreise nach China: eine Erzählung aus der letzten Hälfte des achtzehn-*

⁷ No original: “die Erzählung hatte meine Erwartungen nicht getäuscht, und machte auch allgemein sogleich einen [...] erfreulichen Eindruck”. Todos os textos em língua estrangeira mencionados ao longo do texto foram traduzidos por mim.

⁸ “Meine Erzählungen in der Abendzeitung haben einen Erfolg gehabt, wie ich ihn nie erwartet”.

⁹ “Er weiss die aus der Geschichte und Erdbeschreibung entlehnten Einzelheiten auf das geschickteste zur Charakteristik der Länder und Zeiten zu benutzen, so dass man von ihren Eigenthümlichkeiten ein sprechendes Bild erhält”.

ten Jahrhunderts [A embaixada à China: uma história da última metade do século XVIII], cujo enredo é desenvolvido em solo chinês. Segundo Habitzel e Mühlberger (1996, p. 114-115), esse tipo de título longo e explicativo era algo positivo para os leitores, que conseguiam já deduzir aspectos presentes no enredo do romance.

Para compor suas narrativas, van der Velde fazia um esforço consciente para buscar fatos históricos sobre os diferentes países, baseando-se em livros e anotações que nem sempre estavam facilmente disponíveis nas cidades em que viveu e trabalhou – como Breslau, Zobten e Winzig. Ele relata suas dificuldades de pesquisa e de escrita em algumas missivas enviadas a Hell. Em carta datada de 26 de março de 1820, em que trata da finalização da escrita dos romances *Prinz Friedrich* e *Die Eroberung von Mexiko*, por exemplo, escreveu:

não tenho uma fonte adequada para usar, pois quero ser o mais historicamente preciso possível [...]. E esse é um benefício duplo, pois o histórico geralmente fornece material rico para a imaginação. Fiz mais uma tentativa, depois de revisar nossas bibliotecas de Breslau e de tê-las revisado em vão, para obter as anotações necessárias. [...] O fato de eu estar tão distante de todas as fontes literárias também é uma desvantagem desse lugar (Van der Velde, 1829, p. 391).¹⁰

A preocupação histórica com as narrativas era um aspecto frequentemente elogiado nas críticas publicadas em periódicos, que também valorizavam a habilidade que o autor tinha para descrever lugares distantes. Para alguns críticos, isso era um ponto que diferenciava van der Velde de outros autores, como Walter Scott. Em um texto publicado no *Leipziger Literaturzeitung* em 1827 para divulgar suas obras completas, é possível ler: “temos diante de nós toda uma série de escritos do homem que competiu com o grande e conhecido escocês [...] pelo prêmio de quem melhor soube como levar o *romântico* para o reino da *história*” (Romane. *Leipziger Literaturzeitung*, 1827, p. 1273-1276).¹¹ Na opinião do autor, van der Velde deveria ser o ganhador desse prêmio, pois

sua diversidade está à frente daquela de Walter Scott. Cada um de seus romances passa-se em uma época diferente, em um país diferente, e mesmo o juiz mais rigoroso deve admitir que a linguagem, as cores e os trajés são adequados ao país, à época e ao povo. Por outro lado, quão escasso parece ser Walter Scott, que só escolhe suas Highlands e a Inglaterra como cenário, com poucas exceções (Romane. *Leipziger Literaturzeitung*, 1827, p. 1273-1276).¹²

¹⁰ “Um weiter zu arbeiten, fehlt es mir an einer ordentlichen Quelle, da ich doch [...] möglichst historisch richtig sein möchte. Und das ist noch dazu doppelter Gewinn, da oft das Historische gerade rechten reichen Stoff der Phantasie bietet. Noch einen Versuch habe ich, nachdem ich vergebens unsere Breslauer Bibliotheken revidiert und revidieren lassen, gemacht, um mir die erforderlichen Notizen zu verschaffen. Das ich hier so entfernt von allen literarischen Hilfsquellen bin, ist auch eine Schattenseite dieses Nestes”.

¹¹ “Eine ganze Reihe von Schriften des Mannes liegt vor uns, der mit dem grossen schottischen *Bekanntten* [...] um den Preis rang, wer am besten verstände, die *Romantik* ins Gebiet des *Historischen* hinüber zu spielen”.

¹² “Er hat vor W. Scott die *Mannichfaltigkeit* voraus. Jeder seiner Romane spielt in einer andern Zeit, in einem andern Lande und auch der strengste Splitterrichter muss zugeben, dass Sprache, Colorit, Costüme, dem Lande, der Zeit, dem Volke angemessen sey. Wie dürftig erscheint dagegen W. Scott, der nur immer, geringe Ausnahmen abgerechnet, seine Hochlande und England zur Scene wählt”.

Os exemplos mencionados indicam que os livros de van der Velde foram entendidos, na primeira metade do século XIX, como parte do subgênero romance histórico e que foram avaliados de acordo com um conjunto de critérios específicos, tais como a descrição dos lugares, o bom uso dos fatos históricos dentro da narrativa, o estilo e a sua capacidade de entreter o leitor. Para alguns críticos dos periódicos de língua alemã, van der Velde, que também publicou seus romances no início do século XIX, participou do mesmo movimento de Walter Scott, que buscava retratar fatos passados em livros ficcionais que circularam em um momento em que os territórios europeus passavam por transformações, construíam ideias de nacionalidade e revisitavam seu passado.

Esses critérios de avaliação não foram utilizados somente em território de língua alemã. Em textos críticos publicados em jornais da Inglaterra, Portugal, Brasil e França no século XIX, elementos muito semelhantes são mobilizados: os críticos valorizavam narrativas instrutivas, que fossem escritas em um estilo claro e leve, que tivessem uma boa invenção, um final plausível e personagens que se expressavam de acordo com a sua situação e caráter.¹³ Essa semelhança entre as avaliações é mais um indicativo da circulação de livros e de ideias no século XIX, que permitiu que leitores de países com um passado histórico diferente pudessem construir um mesmo repertório de leitura.

Caroline Pichler também fazia, em um suas obras, um esforço para reconstruir fatos históricos ao mesmo tempo em que desenvolvia um enredo ficcional. Seus livros tratam de questões mais amplas do que as domésticas e trazem o objetivo de reforçar a consciência nacional austríaca por meio da literatura, trazendo, em algumas situações, também um ponto de vista cristão sobre o passado histórico.¹⁴ Em *Agathokles* – um de seus romances de maior circulação –, por exemplo, ela teria almejado escrever uma resposta à visão cética sobre o início do cristianismo expressada Edward Gibbon em *Declínio e queda do Império Romano* (Pichler, 1844, p. 90; Robertson, 2007, p. 35). Em suas memórias, intituladas *Denkwürdigkeiten aus meinem Leben*, a autora descreveu o planejamento inicial dessa narrativa – que foi publicada pela primeira vez em 1808 – e o momento em que entrou em contato com uma lenda que gostaria de incluir no livro, ocorrido durante uma viagem ao Monastério da cidade de Sankt Florian:

eu havia acabado de começar a trabalhar em meu *Agathokles*. No Monastério de Florian, fui informada de que o santo padroeiro do monastério [...], que é frequentemente retratado e venerado na Áustria, especialmente no campo – que esse santo era um centurião romano e sofreu o martírio aqui nas enchentes do Enns durante a perseguição do imperador Diocleciano. Gostei disso; meu plano para *Agathokles* ainda não havia sido totalmente elaborado. Eu poderia usar muito bem a lenda patriótica nele (Pichler, 1844, p. 88).¹⁵

A partir de trechos como esse, percebe-se certa preocupação por parte da autora com as fontes que utilizaria para elaborar sua narrativa – seu acesso ao monastério, nesse caso,

¹³ Cf. Abreu, 2016b.

¹⁴ Cf. (Robertson, 2007, p. 35).

¹⁵ “Ich habe damals eben angefangen, an meinem *Agathokles* zu arbeiten. Im Stift Florian erzählte man mir, dass der Schutzpatron desselben, den man in Österreich besonders auf dem Lande vielfach abgebildet und verehrt findet – dass dieser Heilige ein Römischer Centurio gewesen, und hier bei der Verfolgung unter Kaiser Diocletian in den Fluthen der Enns den Martertod erlitten habe. Das gefiel mir, mein Plan zum *Agathokles* war noch nicht ganz ausgearbeitet. Ich konnte die vaterländische Legende recht wohl in denselben verwenden”.

facilitou o contato com uma lenda que abordaria no livro. Nesse ponto, seu esforço para unir história e ficção aproxima-se do de van der Velde, apesar de Pichler transmitir, em seus escritos, interesse especial por narrar fatos relacionados ao território de língua alemã e que retomavam o passado austríaco. Em suas memórias, ela também demonstra que conhecia a rejeição que alguns tinham em relação à mistura entre realidade e ficção nas narrativas,¹⁶ como era o caso da pessoa que lhe transmitiu a lenda do santo e que “odiava toda mistura de Poesia e História como um amigo estrito da verdade” (Pichler, 1844, p. 90).¹⁷ Isso não impediu a autora de desafiá-lo ao “utilizar o santo de seu mosteiro e a região circundante em um episódio de romance” (Pichler, 1844, p. 90).¹⁸

Ao longo dos anos, as obras de Pichler receberam sobretudo avaliações positivas. Em textos críticos publicados no *Leipziger Literaturzeitung*, seus romances foram avaliados de acordo com os mesmos critérios utilizados para discutir e divulgar as obras de van der Velde e de outros escritores do XIX, como a construção dos personagens, o estilo da escrita e a sua moralidade. A maior diferença entre a avaliação dos dois autores é a atribuição de características consideradas femininas à obra de Pichler. Em uma crítica ao seu romance *Leonore: ein Gemälde aus der großen Welt*, publicada em 1804, por exemplo, após dar destaque à sua capacidade de construir a narrativa e de prender a atenção dos leitores, o crítico afirma: “o assunto – a história do desenvolvimento de uma jovem inocente em meio aos costumes e intrigas do grande mundo – é interessante por si só e muito bem trabalhado aqui; é possível seguir seu curso com prazer e atenção”¹⁹ (Romane. *Leipziger Literaturzeitung*, 1804, p. 1984). Porém, o crítico afirma que, mesmo que não soubesse de quem é a autoria do romance, seria possível supor que ela partiu de uma pena feminina devido à sua “fina visão dissecante do coração masculino e feminino em suas relações mútuas” (Romane. *Leipziger Literaturzeitung*, 1804, p. 1984).²⁰

Em um outro texto, publicado em 1805 com o objetivo de discutir a obra *Eduard und Malvina*, elementos semelhantes são mencionados. O crítico destacou a origem da narrativa, que é uma continuação da peça *Edoardo Stuart in Scozia*, de August von Kotzebue, e mencionou o sucesso da autora, “já famosa pelas suas produções poéticas anteriores”. Ele elogiou, ainda, as “várias situações tão belamente inventadas e realizadas”, que faziam com que fosse impossível largar o livro “sem congratular a Alemanha por uma escritora que, [...] quanto menos se permite qualquer transgressão do encantador território atribuído às mulheres e uma vã e imitativa busca de regiões estrangeiras, mais certamente cativa todos os corações sensíveis” (Schöne Künste. *Leipziger Literaturzeitung*, 1805, p. 2089-2090).²¹

¹⁶ A visão de que o romance histórico seria um gênero híbrido entre ciência e arte foi um dos pontos que colaborou para que ele fosse mal visto por parte da crítica do século XIX. Ver: Potthast, 2007, p. 30.

¹⁷ “[Er hasste] alle Vermischung der Poesie und Geschichte als strenger Wahrheitsfreund”.

¹⁸ “mit großem Vergnügen verfolgte ich nun den Vorlaß, ihm zum Trotze [...] [und] den Schutzheiligen seines Klosters und die Gegend umher als Episode in einem Roman zu verflechten”.

¹⁹ “das Sujet, die Entwicklungsgeschichte eines unschuldigen, jungen Mädchens unter den Sitten und Intrigen der grossen Welt ist an sich interessant und hier sehr geschickt bearbeitet; man folgt ihrem Faden gern und aufmerksam”.

²⁰ “hätte sich zu diesem Romane auch nicht eine Verfasserin bekannt, man würde bey einiger Menschenkenntnis immer das Erzeugnis einer weiblichen Feder an tausend Zügen errathen haben, vorzüglich aber an dem feinen zergliedernden Blick in das männliche und weibliche Herz in ihren gegenseitigen Verhältnissen”.

²¹ “mehrere Situationen sind so schön erfunden und ausgeführt, dass man unmöglich das Buch aus der Hand legen kann, ohne Deutschland zu einer Schriftstellerin Glück zu wünschen, die von Allem, [...] um so gewisser

Nota-se, a partir dos exemplos mencionados, que as obras de Pichler eram também avaliadas de acordo com o seu enredo, construção de personagens e uso de fatos históricos. No caso do último texto, o autor também creditou como algo positivo o fato de que ela não buscava regiões estrangeiras para construir seus romances. O fato de essa mesma característica ter sido destacada como algo positivo em relação às obras de van der Velde é um indício de que não havia uma única maneira de ler e avaliar romances históricos no século XIX. Afinal, muitos elementos levantados pelos críticos eram baseados em características próprias das obras que estavam avaliando ou até em aspectos específicos da vida de cada autor – no caso de Pichler, é comum que a avaliação leve em conta sua autoria feminina.

Com o passar dos anos, as obras de Pichler e de van der Velde alcançaram um sucesso de público relativamente grande, que possibilitou a impressão de novas edições e traduções e permitiu sua circulação fora do território de língua alemã.

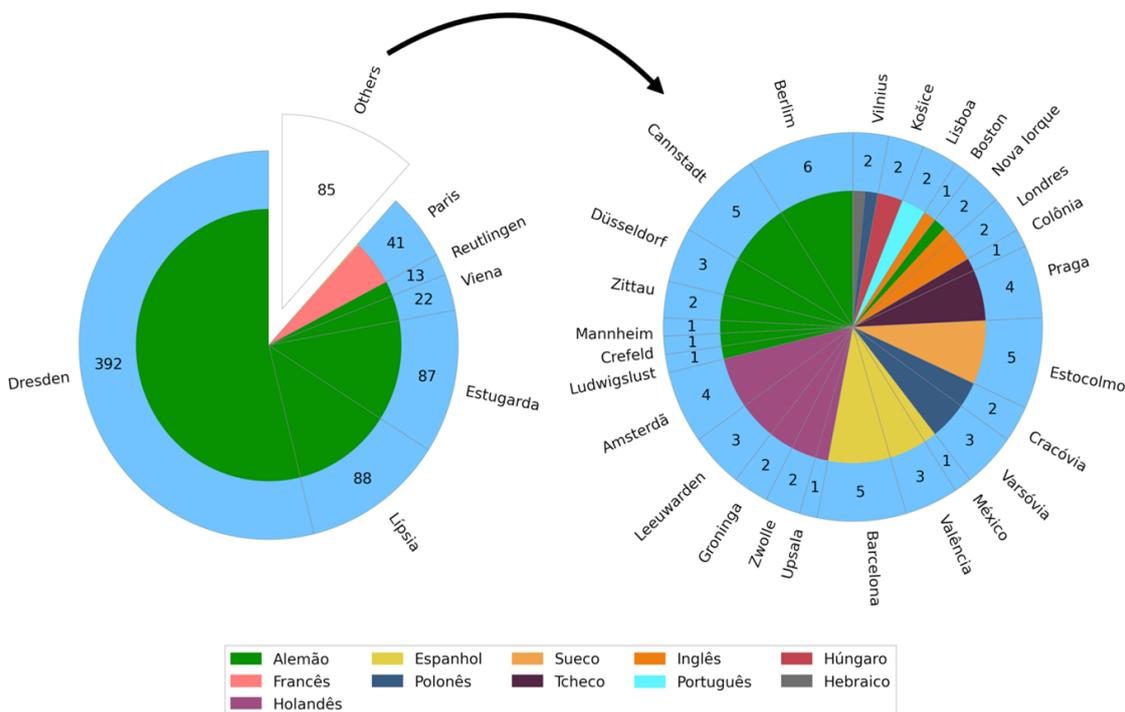
A circulação dos romances de van der Velde e de Pichler no território europeu

No início do século XIX, as obras de van der Velde e de Pichler ganharam diversas edições e traduções para outras línguas. Os vinte livros ficcionais que van der Velde publicou durante sua vida receberam mais de 700 edições.²² A maior parte delas foi impressa entre 1820 e 1830, em língua alemã e na cidade de Dresden, como é possível observar a partir do gráfico abaixo:

jedes gefühlvolle Herz zauberisch an sich fesselt, je weniger sie sich irgend eine Überschreitung des dem Weibe angewiesene reizenden Gebiets, und ein eitles, nachäffendes Streben nach fremden Regionen gestattet”.

²² Os dados sobre as diferentes edições das obras de van der Velde e de Pichler recuperados a partir da pesquisa em catálogos de bibliotecas disponíveis na plataforma *Worldcat* (<https://search.worldcat.org/pt>) e em anúncios presentes em periódicos disponibilizados pela Hemeroteca Digital Brasileira (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

Figura 1: edições das obras de van der Velde segundo a língua e o local de publicação



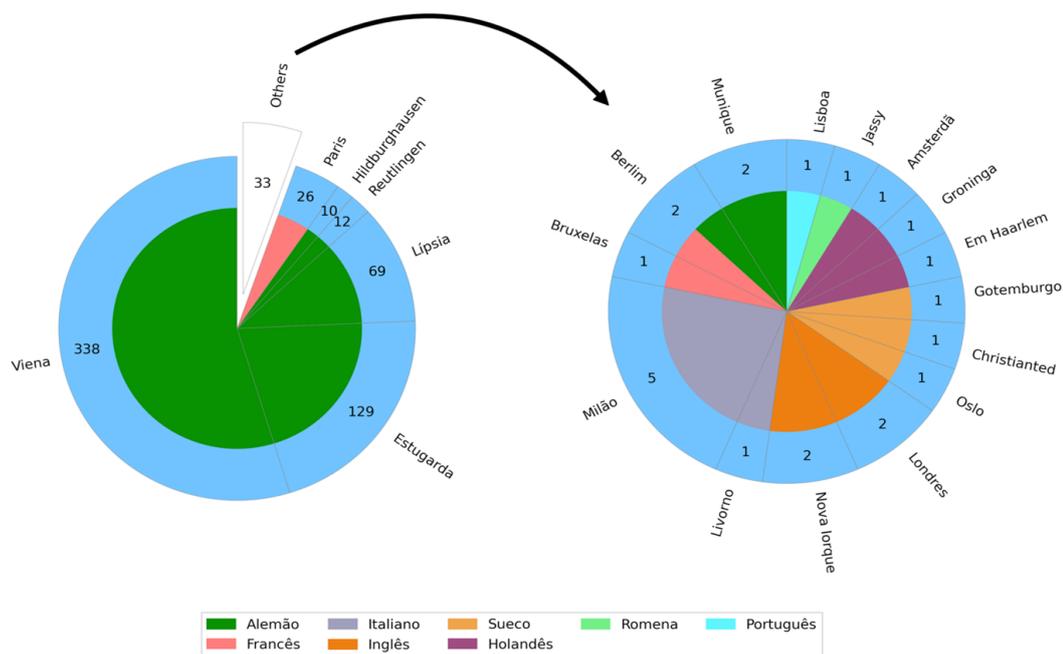
Fonte: autoria própria

Nota-se que seus romances foram traduzidos para muitas línguas, como o francês, o tcheco, o espanhol, o português e o polonês. Uma das primeiras obras a serem traduzidas foi *Prinz Friedrich*, que circulou em uma versão feita por Steenberg van Goor, impressa na cidade de Leeuwarden já em 1823. Um ano depois, uma tradução de *Die Patrizier* (intitulada *De patriciërs: een verhaal uit het laatste derde gedeelte der zestiende eeuw*) veio à luz em Groningen. Nos anos seguintes, suas obras seriam traduzidas para outros idiomas, como o inglês e o francês.

Essas edições estrangeiras foram publicadas em sua maioria fora do território de língua alemã, o que coloca os livros de van der Velde dentro do movimento de circulação de impressos do século XIX. A grande diversidade de fatos históricos que o autor trouxe em suas narrativas não parece ter sido um problema para os leitores, que tiveram contato com elas a partir de diferentes regiões do mundo.

Os livros de Pichler também tiveram uma grande circulação. Suas obras receberam mais de 600 edições, cuja distribuição por cidade e por língua pode ser observada no gráfico abaixo:

Figura 2: edições das obras de Pichler segundo a língua e o local de publicação



Fonte: autoria própria

A maior parte das obras dessa autora foi publicada em alemão e em Viena – cidade em que foram primeiramente editadas. Dresden, que tem tanta relevância no gráfico referente aos livros de van der Velde, não aparece entre as cidades de edição da autora vienense, o que é um indício da relação entre a região de moradia dos autores e o acesso que tinham a determinados editores e tipografias. Grande parte de seus romances também foi reeditada em outras cidades de língua alemã, como Stuttgart e Leipzig, e circularam sobretudo em cidades europeias, como Paris, Londres, Milão e Lisboa. Suas obras foram traduzidas para um número menor de línguas em relação às de van der Velde, mas têm o diferencial de ter, entre elas, o romeno – língua para a qual o romance *Agatokles* foi vertido em 1843, com o título de *Agatocles seu Revașe scrisse din Roma și din Grecia*. Elas receberam, ainda, traduções para o holandês, francês, sueco e português, o que permite supor que também atingiram leitores de diferentes países ainda no século XIX.

Com o aumento da circulação de seus livros, Pichler e van der Velde logo começaram a ser mencionados em críticas literárias publicadas em países estrangeiros. Esses textos normalmente utilizavam, para avaliá-los, os mesmos elementos presentes nos jornais de língua alemã (construção de personagens, estilo, boas descrições e bom uso de fatos históricos). Nos países estrangeiros, porém, aumentaram as comparações dos dois autores com Walter Scott, já bastante conhecido no período e utilizado como referência para esse tipo de obra (Vasconcelos, 2008). Como exemplo, é possível mencionar uma crítica ao livro *Die Patrizier*, publicada no periódico de língua inglesa *The Universal Review*, em 1824, na qual é possível ler:

The Patricians é de longe a melhor ficção em qualquer idioma que até agora foi entregue a partir do exemplo dos romances escoceses. Embora seja uma imitação, o assunto e a matéria são perfeitamente originais, e – o que é surpreendente em um romance alemão – os personagens pensam e agem como as criaturas da

vida real, em vez de serem meros fantoches dispostos a dar expressão às visões sentimentais ou metafísicas do autor” (Van der Velde. *The Patricians. The Universal Review*, 1824, p. 112).²³

No texto, o romance de van der Velde é avaliado em comparação com o trabalho de Scott. Embora a análise de seu livro tenha como base os mesmos critérios mobilizados nas críticas literárias publicadas no *Leipziger Literaturzeitung*, há, nela, uma menção a uma suposta característica de romancistas alemães, que teriam o costume de descrever suas visões sentimentais por meio de seus personagens. Isso indica que a circulação de impressos que unia leitores de diferentes países não impedia que os livros fossem lidos de maneira diferente de acordo com a origem e a nacionalidade atribuída a seus autores.

Outra opinião positiva sobre as obras de van der Velde foi expressada em um artigo publicado no jornal francês *Le Figaro* em 1826, no qual é possível ler que “esse romancista alemão está sem dúvida longe de Walter Scott e Cooper, mas não lhe falta nem imaginação nem um certo talento no gênero descritivo (Van der Velde: romans historiques. *Le Figaro*, 1826, p. 2).²⁴

Aspectos semelhantes foram destacados pela crítica estrangeira em relação à obra de Pichler. Em uma crítica publicada no *Journal des Débats*, em 1828, lê-se que a “sra. Caroline Pichler é a Walter Scott da Alemanha” (Variétés. *Journal des Débats*, 1828, p. 2).²⁵ As características positivas de sua escrita seriam a moralidade, que eleva a narrativa “acima de composições vulgares”, bem como o fato de ter transmitido ao gênero de escrita “que tanto honrou e enriqueceu” um objetivo sério, ainda que tivesse uma imaginação fecunda (Variétés. *Journal des Débats*, 1828, p. 3).²⁶ A crítica afirma, ainda, que a autora, como Scott, conseguiu fazer composições que retracavam os costumes de uma determinada época, revivendo seu espírito, o que poderia servir tanto como comentários quanto como suplementos para a história.²⁷ Sua habilidade era tão grande que permitiria que o leitor fosse transportado para o lugar da ação, em que os “terríveis guerreiros do Norte” vieram impor a liberdade de consciência em “uma Alemanha devastada” (Variétés. *Journal des Débats*, 1828, p. 3).²⁸

Como ocorreu nas críticas escritas em língua alemã, o autor não deixa de mencionar sua condição feminina, que teria permitido que fosse atraída “por uma inclinação mais natural do que Sir Walter Scott da poesia para o romance” (Variétés. *Journal des Débats*, 1828, p. 3).²⁹

²³ “The Patricians is by far the best fiction in any language, that has hitherto been delivered from the example of the Scotch Romances. Though an imitation as to manner, yet the subject and matter are perfectly original, and what is surprising in a German novel, the characters think and act like the creatures of real life, instead of being mere puppets set forth to give utterance to the sentimental or metaphysical visions of the author”.

²⁴ “Ce romancier allemand est sans doute bien loin de Walter Scott et Cooper, mais il ne manque ni d’imagination ni d’un certain talent dans le genre descriptif”.

²⁵ “Mme Caroline Pichler est le Walter Scott de l’Allemagne”.

²⁶ “La morale dont Mme Pichler a empreint ses ouvrages les élève au dessus des compositions vulgaires autant que son beau talent. Elle a donné au genre qu’elle a tant honoré et enrichi, une destination sérieuse: son esprit est grave en même temps que son imagination est féconde”.

²⁷ “Heureuse en s’approchant de l’épopée, que Walter Scott ne l’a été dernièrement en pénétrant dans l’histoire, Mme Pichler réussit surtout, ainsi que lui, dans ces compositions qui, retraçant les mœurs d’une époque, en faisant revivre l’esprit et le costume, sont pour l’histoire à la fois d’attaches commentaires et des suppléments utiles”.

²⁸ “Le lecteur est naturellement transporté dans le palais de Waldstein; il vit avec ces terribles guerriers du Nord qui venoient imposer à l’Allemagne ravagée le droit d’examen et la liberté de conscience”.

²⁹ “Femme, elle étoit entraînée par une pente plus naturelle que sir Walter Scott de la poésie au roman”.

Isso teria acontecido pois “o romance é ao mesmo tempo, para este sexo, terno, apaixonado, inquieto, inventivo, um consolador, um bardo e, acima de tudo, um confidente” (*Variétés. Journal des Débats*, 1828, p. 3).³⁰

Esses exemplos mostram que as obras de Pichler e de van der Velde tiveram ampla circulação e uma recepção positiva em outros países da Europa e que, nesses lugares, foram avaliadas segundo os mesmos critérios já mencionados nos periódicos de língua alemã: por serem lidos como romances históricos, os episódios escolhidos para construir o pano de fundo de seus livros parecem ser um ponto relevante para os críticos, assim como o estilo, os personagens, o encadeamento de eventos na narrativa e, no caso de Pichler, também a sua condição de escritora feminina. Os fatos históricos escolhidos parecem ter chamado a atenção no exterior por serem considerados instrutivos e interessantes para os leitores, que poderiam passar a conhecê-los com maior profundidade a partir da leitura.

A circulação das obras de Pichler e de van der Velde no Brasil

A recepção positiva que receberam na Europa contribuiu para a circulação desses livros também do outro lado do Atlântico, em países como o Brasil, onde chegaram tanto em língua original quanto por meio de traduções. Pichler e van der Velde são, por exemplo, os romancistas com mais obras no catálogo da biblioteca que pertenceu à família imperial brasileira. Essa coleção de livros tem um acervo composto por mais de 24.000 volumes, que hoje estão alocadas sobretudo na Fundação Biblioteca Nacional.³¹

Entre esses livros, 680 pertencem ao gênero prosa ficcional, e 23 deles são edições de obras de van der Velde – todas elas adquiridas na língua original alemã.³² A coleção conta, ainda, com cinco edições dos romances históricos de Caroline Pichler – todos em alemão³³ –, uma tradução para o francês do romance *Frauenwürde* – intitulada *Coralie ou le danger de l'exaltation chez les femmes* – e uma edição de 16 volumes de suas obras completas, publicadas em Viena entre 1813 e 1816.

Entre a aristocracia, a circulação desses livros em língua original não era um problema. Afinal, a língua alemã era acessível à maior parte dos membros da família imperial, que a aprendiam desde a infância.³⁴ O imperador Pedro II, por exemplo, iniciou o aprendizado do alemão em 1839 junto ao professor Rochus Schüch (Assumpção, 2023), e muitos de seus exercícios de estudo podem ser observados a partir de seus cadernos da infância,³⁵ nos quais o jovem monarca mostra ter aprendido a língua a partir da prática da tradução de narrativas

³⁰ “Car le roman est à la fois, pour ce sexe, tendre, passionné, inquiet, inventif, un consolateur, un barde, un confident surtout”.

³¹ Atualmente, a biblioteca imperial faz parte do acervo da Coleção Teresa Cristina da Fundação Biblioteca Nacional. Para mais informações sobre sua formação e uma análise mais detalhada de seu acervo, ver: Assumpção, 2023.

³² Para uma listagem completa das obras, ver: Assumpção, 2023.

³³ São eles: *Leonore, ein Gemälde aus der gewöhnlichen Welt* (1813); *Die Grafen von Hohenberg* (1813); *Eduard und Malvina* (1813) e *Kleine Erzählungen* (1813 e 1816).

³⁴ Sobre a educação dos membros da casa imperial do Brasil, ver: Assumpção, 2023; Aguiar, 2020.

³⁵ Atualmente, esses cadernos fazem parte do Arquivo da Casa Imperial (ACI) do Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro (Maço 42 – Documento 1065).

escritas por autores como Gotthold Ephraim Lessing, Gottlieb Meißner e Caroline Pichler. Em suas anotações, há, por exemplo, uma cópia das parábolas *Die Morgennebel* e *Die Herbstgegend*, de Pichler, que ele provavelmente fez a partir da edição das obras completas presente na biblioteca do palácio (Cadernos da Infância do Imperador. ACI, Maço 42 – Documento 1065).

O monarca também estudou a língua a partir de uma obra do professor C. F. Ermeler, intitulada *Leçons de Littérature Allemande* e composta com o objetivo de ajudar estudantes franceses a entrarem em contato com a língua alemã a partir de extratos de textos dos “principais clássicos alemães, de interesse geral”.³⁶ O livro, publicado originalmente em 1825, ganhou diversas edições e traduções ao longo do tempo e circulou também no Brasil (Assumpção, 2023, p. 236-238). Em 1839, foi anunciado no *Jornal do Commercio* pela livraria dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, que buscavam atingir o público interessado em aprender alemão e que quisesse obter o domínio de “ler em original os thesouros litterarios, hoje dignamente apreciados, daquela lingua” (Anúncios. *Jornal do Commercio*, 1839, p. 4).

Na edição de 1829 desse livro, seu autor disponibilizou, entre os trechos selecionados, oito capítulos do romance *Die Gesandtschaftsreise nach China*, de van der Velde, que aparecem ao lado de recortes de obras de Christoph Martin Wieland, Gottlieb Conrad Pfeffel, Gotthold Ephraim Lessing, Friedrich de la Motte Fouqué e Johann Gottfried Herder. Isso é um indício – bem como os dados retirados dos cadernos de estudo de Pedro II – de que as obras ficcionais desse autor, assim como as de Pichler, foram utilizadas dentro do contexto educacional no Brasil, tanto entre a aristocracia quanto em meio a um público mais amplo, que poderia ter acesso a elas por meio da livraria dos Laemmert.

Havia também, no Brasil do período, outras formas de entrar em contato com as obras de Pichler e de van der Velde. Os já mencionados irmãos Laemmert, que nasceram no território de língua alemã e vieram para o Brasil no início do século XIX, eram donos de uma livraria por meio da qual, em 1840, anunciaram as obras completas de Pichler no *Jornal do Commercio*, vendidas em 60 volumes ao lado das obras de Goethe, Wieland e Schiller (Anúncios. *Jornal do Commercio*, 1840, p. 3). Em 1852, começaram também a publicar um jornal feminino intitulado *Novo Correio de Modas*, no qual divulgavam frequentemente informações sobre a literatura alemã.³⁷

Na década de 1850, os irmãos publicaram, ao longo de cinco números do jornal, uma tradução do romance *Der Flibustier*, de van der Velde, intitulada *O Flibusteiro ou o pirata das Antilhas*. A justificativa utilizada foi a necessidade de tornar a literatura alemã mais conhecida no Brasil, pois ela ofereceria “uma escolha tão abundante de novelas apreciáveis” que eles julgaram necessário dar uma prova aos leitores do quanto queriam agradar-lhes, “publicando a tradução de um dos melhores romances cujo autor soube granjear na Alemanha uma reputação extraordinária por suas publicações beletrísticas, nas quais há os sentimentos mais nobres de um coração humano” (*Novo Correio de Modas*, 1852, p. 73). A referência à reputação de van der Velde indica que os irmãos Laemmert talvez tenham tido contato com a recepção crítica de seus livros na Europa ou em outros países da América, como os Estados Unidos e o México, onde já estavam circulando.³⁸ A disponibilização dessa narrativa em língua portu-

³⁶ “Une suite de morceaux extraits des principaux classiques allemands, d'un intérêt général”.

³⁷ Sobre a atuação dos Laemmert no Rio de Janeiro, ver: Donegá, 2013.

³⁸ Em 1833, vieram à luz, no México, as traduções de *Die Gesandtschaftsreise nach China* (com o título de *La embajada en China*) e de *Der Flibustier* (*El Pirata generoso: novela americana*). Em 1837, uma tradução de *Arwed*

guesa, com tradução feita diretamente do alemão por Henrique Andersen, possibilitou que o público brasileiro – especialmente o feminino – sem conhecimento da língua alemã tivesse a oportunidade de conhecer a obra do autor.

Os romances de van der Velde e Pichler receberam, ainda, outras traduções para o português. Em 1837, *A embaixada à China*, tradução de *Die Gesandtschaftsreise nach China*, foi publicada em Lisboa e, em 1847, veio à luz o livro *Theodoro*, tradução de *Prinz Friedrich* impressa na mesma cidade. Em 1844, foi publicada na capital portuguesa uma tradução do romance *Falkenberg*, de Pichler, intitulada *Falkenberg ou o tio*.

Essas traduções estavam disponíveis ao público leitor brasileiro de diferentes formas. Elas faziam parte, por exemplo, do catálogo de bibliotecas por subscrição, como a Biblioteca Fluminense, em que era possível encontrar *A embaixada à China* na edição portuguesa de 1837 e a tradução feita em 1844 de *Falkenberg* (*Catálogo de Livros da Biblioteca Fluminense*, 1866, p. 162). Nos catálogos do Gabinete Português de Leitura, estava disponibilizada tanto essa tradução de *A embaixada à China* quanto a de 1847 do romance *Theodoro* (*Catálogo do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*, 1858, p. 250 e 271).

Esses romances também poderiam ser adquiridos em livrarias brasileiras, que as anunciaram em periódicos. Esse é o caso da livraria de J. J. Barroso, que divulgou a venda de *A embaixada à China* no *Jornal do Commercio* em 1842 (Novellas. *Jornal do Commercio*, 1842, p. 3). A livraria de João Baptista Martin anunciou esse mesmo título no *Correio Mercantil da Bahia* em 1843 (Novellas Modernas que se achão à venda. *Correio Mercantil da Bahia*, 1843, p. 4), e a livraria Garnier incluiu, em 1854, o romance *Theodoro* em um anúncio divulgado no *Diário do Rio de Janeiro* (Novellas, romances, historietas. *Diário do Rio de Janeiro*, 1854, p. 3). *Falkenberg ou o tio*, de Pichler, também foi anunciado na *Folhinha de utilidade pública para o ano de 1849* (*Folhinha de Utilidade Pública*, 1849, p. 28).

Considerações finais

O romance histórico de expressão alemã passou a ganhar relevância em um período em que, devido às mudanças sociais, as nações europeias tinham o interesse de rever seu passado histórico, suas lendas e seus mitos de formação. Isso não impediu, porém, que obras como as de van der Velde, que se passavam em partes diferentes do mundo – inclusive em outros continentes, como a Ásia e a América – encontrassem seu espaço no mercado editorial e obtivessem sucesso de público e de crítica, que permitiu que ganhassem centenas de edições e fossem traduzidas dezenas de vezes na primeira metade do século XIX. O mesmo ocorreu com as obras de Pichler, que versavam principalmente sobre fatos do passado austríaco, mas que suscitaram interesse fora do território de língua alemã e também encontraram seu espaço no mercado livreiro transatlântico.

Em todos os países pelos quais passavam, os livros desses dois autores foram lidos de maneira muito semelhante pelos críticos que publicavam seus textos em periódicos e que os avaliavam sobretudo em relação ao fato histórico escolhido para compor o enredo e à habili-

Cyllensterna (intitulada *Arwed Cyllensterna: a tale of the early part of the eighteenth century*) foi traduzida por Nathaniel Greene e publicada em Boston como parte do volume *Tales from the German*.

dade de construir a narrativa. No caso de Pichler, são comuns as menções à sua autoria feminina, responsável por uma suposta sensibilidade presente nos romances.

Os fatos mencionados, assim, indicam a relevância do romance histórico de expressão alemã no contexto de circulação de impressos no século XIX, que colaborou para o estabelecimento de elos entre leitores que viviam em países distantes e para a difusão de fatos relacionados ao passado histórico de diversas localidades do globo.

Financiamento

O trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo n. 2023/07967-6.

Referências

ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora Unicamp, 2016a.

ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016b. p. 365-394.

ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Cadernos de lições: a educação das princesas Isabel e Leopoldina nos Paços Imperiais (1850-1864)*. Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos. 2020. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.bdt.uerj.br/handle/1/16767>. Acesso em: 14 out. 2024.

ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 69, p. 4, 25 e 26 março 1839. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_02&Pesq=Ermeler&pagfis=11103. Acesso em: 20 fev. 2024.

ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1840, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&pasta=ano%20184&pesq=Pichler&pagfis=1247. Acesso em: 20 fev. 2024.

ASSUMPÇÃO, Larissa de; ABREU, Márcia. Nobres leitores: recepção de romances pela família imperial brasileira. *Nau Literária: crítica e teoria da literatura em língua portuguesa*, v. 17, n. 2, p. 4-29, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.120503>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/120503>. Acesso em: 20 jul. 2024.

ASSUMPÇÃO, Larissa de. *O monarca leitor: a formação literária e as práticas de leitura do imperador Pedro II*. Orientador: Jefferson Cano. 2023. 406 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1268146>. Acesso em: 14 out. 2024.

ASSUMPÇÃO, Larissa de; ABREU, Márcia. Os romances da realeza: a presença de obras ficcionais na biblioteca da família imperial brasileira. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 1-26, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1923>. Acesso em: 14 out. 2024.

ASSUMPÇÃO, Larissa de. Die Zirkulation und Rezeption der historischen Romane von Carl Franz van der Velde im 19. Jahrhundert. *Pandaemonium Germanicum*, v. 25, n. 47, p. 331-361, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-88372547331>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/199784>. Acesso em: 20 jul. 2024.

AUST, Hugo. *Der historische Roman*. Stuttgart/Weimar: Verlag J. B. Metzler, 1994.

INFÂNCIA e adolescência de D. Pedro II: documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário do nascimento do grande brasileiro ocorrido em 2 de dezembro de 1825. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo da Casa Imperial (ACI), Maço 42 - Doc. 1057-C. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/593937>. Acesso em: 08 out. 2024.

CATÁLOGO do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Commercial de F. de O. Q. Regadas, 1858.

CATÁLOGO dos Livros Biblioteca Fluminense. Rio de Janeiro: Typographia Thevenet & C., 1866.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (org.). *A History of Reading in the West: Studies in Print Culture and the History of the Book*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2003.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

DONEGÁ, Ana Laura. *Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert*. Orientadora: Márcia Abreu. 2013. 350 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ERMELER, C. F. *Leçons de Littérature Allemande: nouveau choix de morceaux en prose et en vers, extraits des meilleurs auteurs allemands a l'usage des écoles de France et des personnes qui étudient la langue allemand*. Paris: Baudry, 1829.

Erzählungen. *Leipziger Literaturzeitung*, Leipzig, n. 260, p. 2077-2079, out. 1820. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00409434?XSL.q=van%20oder%20Velde. Acesso em: 22 fev. 2024.

FOLHINHA de Utilidade Pública para o anno de 1849. Rio de Janeiro: Livraria de Agostinho de Freitas Guimarães e Cia, 1849.

HABITZEL, Kurt; MÜHLBERGER, Günter. Gewinner und Verlierer: der historische Roman und sein Beitrag zum Literatursystem der Restaurationszeit (1815-1848/49). *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur*, v. 21, n. 1, p. 91-123, 1996. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/iasl.1996.21.1.91/html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

HELL, Theodor. Nachschrift. In: VAN DER VELDE, Carl Franz. *Sämmtliche Schriften*. Stuttgart: A. F. Macklot, 1829, v. 8. p. 368-374.

HIPPE, Max. Velde, Karl Franz van der. In: *Allgemeine Deutsche Biographie*. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1895. p. 563-565.

JORDAN, Stefan; PICHLER, Caroline. *Neue Deutsche Biographie*, v. 20, p. 411-412, 2001. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/sfz95796.html#ndbcontent>. Acesso em: 22 fev. 2024.

LUKÁCS, György. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Tradução de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

NOVELLAS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 288, p. 3, out. 1842. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&pasta=ano%20184&pesq=%22Embaixada%20a%20China%22&pagfis=3897. Acesso em: 24 fev. 2024.

NOVELLAS modernas que se achão à venda na livraria de João Baptista Martin. *Correio Mercantil: Jornal Politico, Commercial e Litterario*, Bahia, n. 91, p. 4, abr. 1843. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=186244&pasta=ano%20184&pesq=%22Embaixada%20a%20China%22&pagfis=4522>. Acesso em: 24 fev. 2024.

NOVELLAS, romances, historietas, dramas, etc. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 328, p. 3, dez. 1854. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pagfis=40684. Acesso em: 25 fev. 2024.

PICHLER, Caroline. *Denkwürdigkeiten aus meinem Leben*. Wien: A. Pichler's sel. Witwe, 1844. (Zweiter Band).

POTTHAST, Barbara. *Die Ganzheit der Geschichte: Historische Romane im 19. Jahrhundert*. Göttingen: Wallstein Verlag, 2007.

ROBERTSON, Ritchie. The Complexities of Caroline Pichler: Conflicting Role Models, Patriotic Commitment, and The Swedes in Prague (1827). *Women in German Yearbook*, v. 23, p. 34-48, 2007.

ROMANE. *Leipziger Literaturzeitung*, Leipzig, n. 124, p. 1984, set. 1804. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/jportal_derivate_00242068/THULB_168283743_1804_LLZ_124_18040926_0008.tif?logicalDiv=jportal_jparticle_00402889&q=Pichler. Acesso em: 22 fev. 2024.

ROMANE. *Leipziger Literaturzeitung*, Leipzig, n. 160, p. 1273-1276, jun. 1827. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00397469?XSL.q=van%20der%20Velde. Acesso em: 23 fev. 2024.

SCHLOSSAR, Anton; Pichler, Caroline. *Allgemeine Deutsche Biographie*, v. 26, p. 106-108, 1888.

SCHÖNE KÜNSTE. *Leipziger Literaturzeitung*, Leipzig, n. 131, p. 2089-2090, out. 1805. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/jportal_derivate_00242069/THULB_168283743_1805_LLZ_131_18051009_0001.tif?logicalDiv=jportal_jparticle_00414205. Acesso em: 23 fev. 2024.

SILVA, Ana Claudia Suriani da. *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930*. Londres: Routledge, 2014.

THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales: Europe XVIII^e-XX^e siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

VAN DER VELDE, Carl Franz. Briefe. In: VAN DER VELDE, Carl Franz. *Sämmtliche Schriften*. Stuttgart: A. F. Macklot, 1829. p. 375-421, v. 8.

VAN DER VELDE, Carl Franz. The Patricians. *The Universal Review, or Chronicle of the Literature of all Nations*. London/Edinburgh: Geo. B. Whittaker/Waugh & Innes, 1824.

VAN DER VELDE, Carl Franz. Romans historiques. *Le Figaro: Journal non Politique*, Paris, n. 205, p. 2, 16 ago. 1826. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k265265s/f2.image.r=Van%20der%20Velde?rk=21459;2>. Acesso em: 23 fev. 2024.

VAN DER VELDE, Carl Franz. O Flibusteiro ou o Pirata das Antilhas. *Novo Correio de Modas*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 73, 1852.

VARIETES. *Journal des Débats Politiques et Littéraires*, Paris, p. 2-3, 8 fev. 1828. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4361252/f1.item.r=Pichler>. Acesso em: 23 fev. 2024.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. Cruzando o Atlântico: Notas sobre a circulação de Walter Scott. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 135-157.